

Dissertação-modelo

A persistência do racismo na sociedade brasileira.

Democracia racial – uma falácia ideológica

No século 21, em meio a sistemas de governo pautados nos ideais democráticos, muito se discute acerca da persistência do racismo. Sem dúvida, isso acontece, em especial, por dois motivos: o fato de o debate contra o racismo se acender apenas quando há casos de proporções midiáticas, e a ineficiência de ações formativas escolares para a valorização da cultura afro, com o necessário combate ao preconceito. Com efeito, a expressão “somos todos iguais” reflete, não a realidade, mas sim uma falácia ideológica, propensa a enfeitar as letras constitucionais.

Nesse contexto, é preciso trazer à tona a um recorte da história da primeira década do século 20: a Revolta da Chibata, quando marujos, insatisfeitos com a violência física a que eram submetidos, organizaram-se num motim que, segundo historiadores, coroou o protesto contra a desigualdade social e racial daqueles dias. Mais de cem anos da Revolta, infelizmente, ainda há mostras do mesmo preconceito, cuja discussão se acalora quando há ataques racistas de grande alcance midiático, ocasião em que há manifestações de rua impetuosas, mas que, verdade seja dita, vão perdendo força até o próximo ataque. É de se lamentar o fato de o debate em torno do racismo ser tão facilmente adiado.

Outrossim, embora hoje tenhamos amplamente divulgada a máxima “somos todos iguais”, o combate ao racismo é ineficiente – e, por isso, a persistência – o que fica claro não só pelo grande número de pessoas negras pobres e analfabetas, como também pela disparidade entre as remunerações de brancos e negros. Isso sem contar o fato de a cultura afro não ser explorada suficientemente, em especial nos currículos escolares. Aliás, é importante anotar que, apesar de os estudantes do Ensino Médio terem contato com a literatura brasileira, é preciso admitir nossos ancestrais africanos não são, de fato, contemplados – isso equivale a dizer que o débito histórico que temos com a raça negra nunca será quitado. É certo que, ultimamente, uma medida paliativa vem sendo aplicada pelas universidades federais, qual seja a leitura obrigatória de escritores africanos, como Mia Couto e Pepetela – porém, isso se dá fora de contexto, uma vez que o vestibulando é surpreendido, às vésperas do vestibular, com algo alheio ao currículo do Ensino Médio.

Isto posto, para solucionar a questão da persistência do racismo, cabe ao MEC adotar políticas afirmativas nas escolas e nas mídias – tanto uma quanto outra devem criar currículos e programações que divulguem e valorizem a cultura afro, por meio da apresentação e da consequente valorização de personalidades negras de destaque no Esporte, na Literatura, na Medicina na literatura etc., a fim de que o conhecimento e a conscientização abram caminho para a erradicação do racismo, até porque o conhecimento levará à tão sonhada democracia racial. O Brasil é grande e acolhedor – há um lugar socialmente aceito para abrigar a todos nós.

Por Gislaïne Buosi

Análise da estrutura dissertativa:

Apresentação do tema;

Tese;

Antecipação do 1º argumento;

Antecipação do 2º argumento;

Desenvolvimento do 1º argumento, com repertório sociocultural próprio;

Reafirmação da tese;

Desenvolvimento do 2º argumento, com repertório sociocultural próprio;

Reafirmação do tema;

Proposta de intervenção social.